

Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal

A.M. DIAS DIOGO

A. CAVALEIRO PAIXÃO

R E S U M O Publica-se um estudo sobre as ânforas romanas provenientes das escavações arqueológicas de 1974/75 do povoado de Tróia, Setúbal.

A B S T R A C T This article presents a study of the Roman amphorae from the 1974/1975 archaeological excavations of the industrial settlement of Tróia, Setúbal.

1. Introdução

Publica-se aqui um estudo sobre as ânforas de Tróia, Setúbal, provenientes das escavações efectuadas em 1974 e 1975 pelo segundo subscritor deste trabalho e conservadas em depósito nas instalações locais de apoio às ruínas.

Tróia (Alarcão, 1988, 5/320) encontra-se localizada numa língua de areia da península que forma a margem esquerda do estuário do Sado. É uma das mais importantes e, em múltiplas leituras, a estação romana mais paradigmática da arqueologia portuguesa. A grande quantidade de unidades de processamento do pescado aqui já conhecida, aliada à provável inexistência de edifícios públicos de carácter político-administrativo, apontam para que se trate de um gigantesco povoado industrial de transformação e processamento de peixe que, com as suas actividades acessórias e complementares, quase monopolizou a economia do baixo Sado durante a época imperial romana.

Estrategicamente localizada, mas implantada numa zona arenosa, sem anel agrícola que a pudesse tornar auto-suficiente, faltou-lhe ainda a existência local de madeiras, barreiros e pedreiras, que obrigou a uma organizada teia de interdependências no baixo Sado e que levou o povoado à rápida decadência e ao seu abandono após a ruptura dos circuitos mercantis. Tróia teve a sua única razão de existência na pesca intensiva e conseqüente salga industrializada do peixe, e desapareceu graças ao fim da sua comercialização maciça (Diogo e Trindade, em publicação).

2. Estudo dos materiais

No conjunto aqui estudado é de 471 o número total de fragmentos de ânforas distintas que conservam vestígios do bordo, os únicos que contabilizamos para efeitos estatísticos. Dele 85,8% (404) são originárias da Lusitânia, 7,2% (34) da África Bizacena, somente 6,6% (31) da Bética e, por fim, tanto as produções da Gália Narbonense quanto as do Mediterrâneo Oriental estão presentes com 0,2% cada (um exemplar).

Dois tipos de ânforas apenas se encontravam representados por asas: dois fragmentos do tipo Ágora M 54 e dois de Dressel 2/4. O primeiro destes tipos, com as suas asas muito características, bilobadas, longas, ligeiramente arqueadas e de ombros alçados, já tinha sido atestada para o território português em Torres de Ares, Tavira (Fabião, 1994, p. 23 e 34). Trata-se de uma ânfora vinária, produzida durante os dois primeiros séculos da nossa Era nas costas da Cilícia. Quanto ao tipo Dressel 2/4 (n.º 22), é também uma ânfora vinária, indicando a pasta destes fragmentos uma produção da Campânia, onde foram fabricadas entre 30 a.C. e 150. O seu tráfego em território português não parece ultrapassar o último terço do século I. Em estudo anterior (Diogo e Trindade, em publicação) já tínhamos atestado a sua presença em Tróia com um exemplar, 0,5% num total de 196 registos.

No que diz respeito a marcas de oleiro, do total de 12 asas marcadas, três pertencem a ânforas oleárias béticas de tipo Dressel 20 (n.ºs 23, 42 e 43) das quais apenas a primeira conserva vestígios de bordo. As restantes nove marcas encontram-se sobre asas de ânforas do tipo Lusitana 5 b (n.ºs 36 e 44 a 51), também neste caso apenas a primeira conserva bordo definido.

2.1. Ânforas lusitanas

Como seria de esperar, dadas as características da estação arqueológica em questão, as ânforas de fabricos lusitanos atingem aqui valores muito elevados (404 exemplares = 85,8%).

Na sua totalidade fabricadas com pastas de barro vermelho quartzítico, as ânforas vinárias lusitanas poderão aqui, com 21 exemplares, corresponder a cerca de 6% do total compilado. Destas a L.3 (n.ºs 5, 31 e 34) é a mais bem representada com 12 ânforas. O seu fabrico parece ter-se iniciado nos finais do século I ou inícios do II e ter-se mantido até aos inícios do século V. O n.º 34 apresenta um grafito em estrela desenhado no colo antes da cozedura, é uma localização comum neste tipo de ânforas para as marcas de controlo das olarias. Sete exemplares pertencem ao tipo L.14 (n.º 27), a sua semelhança formal com as Dressel 28 leva-nos a atribuir-lhes uma cronologia dos séculos I e II, embora com um início tardio no século I, dado não nos aparecer associada às produções anteriores dos fornos do Sado. Com apenas dois exemplares, também a pequena L.10 (n.º 32) poderá ser uma ânfora vinária, sendo uma produção contemporânea dos fabricos da segunda fase sadina.

No que diz respeito às ânforas piscícolas, 12,7% do total global são de fabricos algarvios, em pastas claras de sedimentos argilo-carbonatos de origem marinha (Diogo, 1995). Catorze (3%) são do tipo L.11, datável dos séculos I e II. Quatro (0,8%) pertencem ao tipo L.13 (n.º 38), uma ânfora de pequeno porte e de achado relativamente incomum, que tem vindo a ser datada dos inícios do século IV a meados do V. O tipo L. 5 b encontra-se naturalmente muito melhor representado, com 42 exemplares (8,9%), a sua cronologia deve estar compreendida entre os inícios do século III e os do V. Pertencem também a este último tipo todas as marcas de oleiros lusitanos aqui encontradas.

As nove marcas de L.5 b distribuem-se por apenas três oleiros, sendo sete (n.ºs 36 e 46 a 51) de L.EV.GEN(*ialis*), apresentando a n.º 50 um ponto separador entre a inicial do nome e o cog-

nome, uma pertencente a ANN.GENIA(L)IS (n.º 44) e lendo-se na restante PARHALI. Qualquer delas era já conhecida noutros sítios arqueológicos.

A percentagem de ânforas piscícolas lusitanas de fabricos em barro vermelho quartzítico, característicos dos fabricos sadinos, atinge aqui o total de 68,6%, delas apenas pertencendo 8,3% à primeira fase da produção anfórica do Vale do Sado (Diogo e Faria, 1987), sendo as restantes da segunda fase.

Com uma datação essencialmente tiberiana, a ânfora lusitana mais antiga que aqui registámos é a L.12, com cinco exemplares (1,1%). Sendo a ânfora mais característica e mais comum, porque de mais longa produção da 1ª fase sadina, a L.2 (n.º 25) surge-nos com 34 exemplares (7,2%), um fragmento de bico fundeiro (n.º 26) apresenta uma marca de controlo esgrafitado antes da cozedura: um P invertido, como é normal, dado que eram controladas quando se encontravam a secar assentes sobre a boca. Atribuímos a este tipo uma cronologia de finais de Tibério a finais do século II.

A grande maioria das ânforas deste conjunto (284 = 60,3%) foi fabricada durante a 2ª fase de produção sadina, sendo globalmente datáveis dos finais do século II aos inícios do V.

Estão presentes todos os tipos já definidos (Diogo, 1987a) da segunda fase de produção anfórica do Vale do Sado, aparentando também as percentagens relativas dos diferentes tipos encontrados corresponder à sua percentagem real do seu fabrico.

Com uma cronologia dos finais do século II aos inícios do V e sendo a ânfora mais característica e com maior perduração da 2ª fase, em que substituiu a L.2 no seu transporte principal de sardinha em salmoura, a L.4 (n.º 39) quase que atinge aqui metade do valor do total de ânforas encontradas (201 = 42,6%). Das restantes, cuja definição cronológica mais fina ainda se encontra em estudo, destacando-se a L.8 (n.ºs 29 e 30) com 54 exemplares (11,4%). Apresentando a n.º 30 uma característica marca de controlo nos ombros gravada antes da cozedura, neste caso um B e, a n.º 29 um numeral latino nos ombros esgrafitado após a cozedura, o que é muito comum neste tipo de ânforas em Tróia, neste caso LXII.

As percentagens das restantes ânforas da 2ª fase repartem-se por 1,7% para a L.7 (8 exemplares), 1,5% para a L.9 (7 exemplares, n.º 33), 1,1% para a L.6 (5 exemplares) e também 1,1% para a L. 15 (n.ºs 40 e 41), apresentando o nosso exemplar n.º 41 um grafito ondeado, gravado ao redor do colo antes da cozedura.

2.2. Ânforas béticas

São apenas em número de 31 (6,6%) o total de ânforas béticas encontradas nestas escavações. Aqui o tipo mais bem representado é o das Dressel 28, com 13 exemplares e 2,7% do total (n.º 28). Trata-se de uma ânfora vinária de cronologia compreendida entre c. 20 a.C. e 150.

Também para produtos vinícolas é o tipo Haltern 70 (Diogo e Cardoso, 2000, p. 68). Sendo uma ânfora relativamente comum no nosso território, surge-nos aqui apenas com um exemplar de lábio de fita saliente (n.º 4). Tem uma cronologia genérica de 50 a.C. a 75 d.C.

As quatro ânforas béticas piscícolas encontradas (n.ºs 1-3 e 17) integram-se no tipo Dressel 7/11. A sua cronologia está compreendida entre c. 25 a.C. a 100, devendo ainda o exemplar n.º 2 pertencer mais especificamente ao tipo Dressel 9 e ser datável de 50 a.C. a 50 d.C.

As restantes treze ânforas são oleárias: quatro de tipo Dressel 23 (0,9%) e nove de tipo Dressel 20 (1,9%). As primeiras têm uma cronologia genérica situada entre 270 e 450, podendo o nosso exemplar n.º 7 ser datado de 270 a 400 graças às características do lábio. As segundas foram produzidas entre c. 10 a.C. e 280. Também graças ao estudo das variantes dos lábios é-nos possível apertar a

datação dos fragmentos n.º 24 para entre 30 e 50, do n.º 6 para entre 70 e 110 e do n.º 23 para entre 150 e 210. Este último conserva ainda uma marca de oleiro estampada numa asa: NNP.

Também dois fragmentos de asa de ânforas Dressel 20 apresentavam marcas de oleiro: o n.º 42 MAR uma marca sem pontos separadores datável de entre 30 a 70, provavelmente proveniente das olarias de Las Delicias (Martin-Kilcher, 1987, p. 94. Chic García, 1985, p. 32-33); e o n.º 43 G.AVFL em relevo negativo e numa variante com um ponto separador entre o “G” e o “A”, datável de c. 150-190 (Martin-Kilcher, 1987, p. 100).

2.3. Ânforas gaulesas

Provavelmente proveniente da Gália Narbonense, o único fragmento de ânfora gaulesa recolhido com bordo (0,2%), é o nosso exemplar n.º 20. Trata-se de uma G.4 com o lábio formando uma pequena aba ovalada e vestígios de um grafito no colo. É uma ânfora vinária, de cronologia compreendida entre os anos 80 e 200.

2.4. Ânforas do Mediterrâneo Oriental

Para além dos dois fragmentos de asas do tipo Ágora M 54 que acima referimos, foi também recolhido um exemplar com boca e colo conservando o arranque superior de uma asa ovalada e alçada (n.º 18). À falta de paralelos exactos evitamos precisar a sua classificação dentro dos tipos fabricados no Mediterrâneo Oriental. As características da asa e o colo ligeiramente convexo apontam para que estejamos em presença de uma Kapitän I, neste caso deveria ser vinária e ter uma cronologia de meados do século II a meados do III. Outra hipótese a considerar é de este fragmento pertencer a uma outra ânfora vinária, de tipo Dressel 43/Cretense 4, sendo assim originária de Creta com uma cronologia do século I a meados do II.

2.5. Ânforas africanas

Com trinta e quatro ocorrências, correspondendo a 7,2% do total de achados, a África Bizantina surge-nos aqui como a principal origem das ânforas de produção exterior à Lusitânia. Destas, mais de metade (20 = 7,2%) pertence ao tipo Keay V (n.ºs 8 e 14), uma ânfora fabricada na Tunísia, sendo provável que a sua cronologia esteja compreendida entre 180 e 320.

Sendo também de origem tunisina, os restantes catorze exemplares distribuem-se pelos tipos: Keay III (2 = 0,4%), Keay VI (5 = 1,1%), Keay VII (2 = 0,4%), Keay XXV (4 = 0,9%) e Keay XXVII (1 = 0,2%). Destes, o primeiro tipo (n.ºs 16 e 19) é datável de c. 180 a 380, podendo a variante B ser datável de c. 200 a 350; a Keay VI tem uma cronologia compreendida entre 230 e 350; a Keay VII (n.ºs 12 e 21) foi produzida entre c. 280 a 380; as variantes da Keay XXV encontrados (n.ºs 9, 10, 13 e 15) têm datação compreendida entre c. 300 e 420; e por último, o único exemplar (n.º 11) pertence ao tipo Keay XXVII B, é datável de 380/450.

O conjunto de ânforas africanas de Tróia nada de novo acrescenta directamente à controvérsia sobre os produtos que transportavam, dividindo-se os investigadores entre o azeite e os preparados piscícolas (Diogo, Cardoso e Reiner, 2000, p. 85). Na realidade cada vez mais estes tipos vão sendo encontrados com o seu interior resinado, o que é incompatível com o transporte de azeite.

Também a presença destes tipos de ânforas em Tróia nas quantidades relativas registadas, aponta para que sejam essencialmente piscícolas. Argumentando alguns investigadores com a quebra da produção das ânforas oleárias béticas, nos finais do século III, e a sua possível substituição pelo azeite africano, como uma das principais razões para que essas ânforas fossem consideradas oleárias, a realidade parece ser muito diferente. As Dressel 20 são substituídas pelas Dressel 23 a partir de c. 270, sendo estas pelo menos fabricadas até meados do século V e dando continuidade à exportação do azeite bético. Tendo em conta os indicadores anfóricos para as importações de Tróia, as produções africanas aparentam, isso sim, ter substituído, em conjunto com as lusitanas de fabricos algarvios, as ânforas piscícolas béticas de produção posterior aos finais do século II.

Quadro da distribuição quantitativa e percentual por origens e tipos		
ORIGEM/TIPOS	#	%
Lusitânia	404	85,8
L.2	34	7,2
L.3	12	2,5
L.4	201	42,6
L.5 a	4	0,9
L.5 b	42	8,9
L.6	5	1,1
L.7	8	1,7
L.8	54	11,4
L.9	7	1,5
L.10	2	0,5
L.11	14	3
L.12	5	1,1
L.13	4	0,9
L.14	7	1,5
L.15	5	1,1
Bética	31	6,6
Dr.7/11	4	0,9
Dr.20	9	1,9
Dr.23	4	0,9
Dr.28	13	2,7
Ha.70	1	0,2
Gálias	1	0,2
G.4	1	0,2
Mediterrâneo Oriental	1	0,2
Não determinado	1	0,2
África Bizacena	34	7,2
Ke.III	2	0,4
Ke.V	20	4,2
Ke.VI	5	1,1
Ke.VII	2	0,4
Ke.XXV	4	0,9
Ke.XXVII	1	0,2
TOTAIS	471	100

3. Conclusão

Dada a quantidade de ânforas compiladas neste trabalho, ele poderá aparentar constituir uma amostragem fidedigna sobre a hierarquização dos circuitos mercantis e a periodização das importações de Tróia, tanto quanto isso nos possa ser perceptível através da classificação e quantificação dos vestígios anfóricos. No entanto, os materiais que aqui estudamos apresentam uma excessiva predominância dos tipos posteriores à alteração dos meios de transformação piscícola dos finais do século II: somente as ânforas lusitanas para preparados de peixe da segunda fase do Vale do Sado correspondem a 60,3 % do total de achados, a que há ainda que adicionar as ânforas de fabricos algarvios L.5 b e L.13 (9,8%) e as de proveniências béticas e africanas (cerca de 9%) — atingindo no mínimo o total de 79,1%.

Na realidade, o presente conjunto é apenas representativo das escavações de 1974 e 1975. Estas foram essencialmente efectuadas em níveis de abandono da estação, depositados sobre estruturas em relativo bom estado de conservação, que não foram desmontadas durante o processo de escavação, e cuja construção original é geralmente datável dos séculos I e II.

Indicadores muito diferentes são-nos fornecidos pelas recolhas de fragmentos de bocas de ânforas que temos vindo a efectuar na praia fluvial de Tróia. Aqui muitas estruturas, sobretudo unidades de processamento piscícola, têm vindo a ser continuamente destruídas pelas marés, fornecendo-nos fragmentos não apenas provenientes dos vários níveis arqueológicos mas também utilizados no aparelho das próprias construções (Diogo e Trindade, 1995).

No estudo preliminar que já efectuámos sobre as nossas recolhas sistemáticas na praia (Diogo e Trindade, no prelo), do total de 196 ocorrências, 89,3% pertenciam a ânforas lusitanas e 10,2% a ânforas béticas, correspondendo os restantes 0,5% a uma ânfora itálica de tipo Dressel 2/4. Em paralelo com a ausência de tipos africanas, é de registar o facto de 2% dos fragmentos pertencerem a ânforas piscícolas béticas de cronologia anterior aos finais do século II. Por fim, e reforçando os restantes indicadores, as ânforas piscícolas lusitanas da 1ª fase atingem aqui o total de 78 %, dos quais 77% são L.2, enquanto que a L.4, que se mantém o tipo melhor representado da segunda fase, apenas atinge os 3,6%.

Como acima afirmámos, as discrepâncias entre as duas amostragens devem ser explicáveis em função das características dos locais de recolha. No entanto, infelizmente, essa explicação não nos resolve o problema da periodização da economia de Tróia em função de produções e consumos. Provavelmente apenas após o alargamento das amostragens ao estudo das colecções do Museu Nacional de Arqueologia, assim como à finalização dos nossos trabalhos sobre as recolhas nas areias da praia, poderemos ter elementos que permitam dar uma resposta mais fiável às questões que fomos colocando ao longo deste texto.

4. Catálogo

- 1 (Fig. 10) Fragmento superior de ânfora, tipo Dressel 7/11.
Lábio muito extrovertido, de fita, côncavo, ligeiramente pendente e com o topo em aba larga. Colo alto e côncavo. Asa alçada, alta e ovalada.
Pasta amarelada, com faixas rosadas, branda e muito fina, com pequenos quartzos hialinos, partículas negras e ocres.
- 2 (Fig. 10) Fragmento superior de ânfora, tipo Dressel 7/11.
Lábio muito extrovertido, de fita, moldurado e côncavo, com o topo em pequena aba pendente.

- Pasta rosada, branda e muito fina, com minúsculos quartzos hialinos, leitosos e rosados. Superfície externa com vestígios de engobe rosado.
- 3 (Fig. 10) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Dressel 7/11. Lábio extrovertido, de fita, côncavo e moldurado. Pasta amarelada, branda e muito fina, com abundantes pequenos quartzos e partículas ocre.
 - 4 (Fig. 10) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Haltern 70. Lábio extrovertido, de fita e saliente. Pasta rosada, dura e arenosa, com partículas negras e abundantes quartzos leitosos e hialinos. Superfícies com vestígios de engobe creme-amarelado.
 - 5 (Fig. 10) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lusitana 3. Lábio perolado, de sobeira moldurada. Colo côncavo. Pasta vermelho-alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com calcites e quartzos hialinos e leitosos. Superfície exterior revestida com engobe creme-amarelado.
 - 6 (Fig. 10) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 20 D. Lábio ambivertido, triangular, muito saliente e de sobeira moldurada. Pasta bege-alaranjada, muito dura, fina, com pequenos quartzos e partículas negras.
 - 7 (Fig. 10) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 23 A. Lábio ambivertido, curto, triangular e saliente, de sobeira moldurada. Pasta alaranjada, dura e muito fina, com nódulos ocre e abundantes pequenos quartzos hialinos.
 - 8 (Fig. 11) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Keay V. Lábio extrovertido, de fita ovalada e bipartida na face externa. Colo introvertido e troncocónico. Asa de fita ovalada e trilobada na face superior, arqueada, arrancando do colo. Pasta rosada, dura e rugosa, com pequenos quartzos rolados, raros nódulos ferruginosos e abundantes pequenos alvéolos.
 - 9 (Fig. 11) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay XXV G. Lábio alto e muito extrovertido, bipartido, com o topo em pequena aba triangular e pendente. Pasta vermelho-rosada, compacta, muito dura e fina, com pequenos quartzos e calcites.
 - 10 (Fig. 11) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay XXV G. Lábio alto e muito extrovertido, bipartido, convexo e com o topo em pequena aba triangular. Pasta avermelhada, rugosa, dura e muito fina, com minúsculos quartzos hialinos.
 - 11 (Fig. 11) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Keay XXVII B. Lábio biselado, indiferenciado do colo. Asa curta, gamiforme e de secção triangular. Pasta avermelhada, muito dura e fina, com minúsculos quartzos hialinos, leitosos e calcites. Superfície externa revestida com engobe amarelado.
 - 12 (Fig. 11) Fragmento superior de ânfora, tipo Keay VII. Lábio de fita, alto, ovalado e pouco saliente. Colo introvertido e troncocónico. Asa curta,

- semicircular, de fita espessada e face superior triangular, implantada no colo.
Pasta rosada, fina e dura, com minúsculos quartzos rosados e calcites.
- 13** (Fig. 11) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay XXV O.
Lábio extrovertido, alto e triangular, com a aresta formando uma pequena aba.
Pasta bicolor, com uma faixa amarelada junto à superfície interior e outra bege-amarelada junto à exterior, branda e fina, com minúsculos quartzos, nódulos ocres e partículas negras.
- 14** (Fig. 11) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay V.
Lábio saliente, alto, de fita e bipartido na face externa. Colo introvertido e troncocónico.
Pasta rosa-avermelhada, dura e muito fina, com minúsculos quartzos leitosos e hialinos.
Superfície exterior com vestígios de engobe esbranquiçado.
- 15** (Fig. 11) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay XXV B.
Lábio extrovertido e ovalado, com o topo em pequena aba triangular. Colo introvertido e troncocónico.
Pasta ocre-rosada, compacta e muito fina, com minúsculos quartzos. Superfície externa com vestígios de engobe creme-amarelado.
- 16** (Fig. 11) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay III B.
Lábio ambivertido, convexo e muito saliente.
Pasta vermelho-escura, rugosa e muito dura, com minúsculas calcites muito abundantes.
Superfícies alaranjadas.
- 17** (Fig. 12) Fragmento superior de ânfora, tipo Dressel 7/11.
Lábio de fita, saliente e muito côncavo, com o topo em aba muito pendente. Colo alto e cilíndrico.
Pasta alaranjada, dura e muito fina, com minúsculos quartzos hialinos, leitosos e rosados.
Superfície externa revestida com engobe creme-amarelado, espesso.
- 18** (Fig. 12) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora do Mediterrâneo Oriental, de tipo não determinado.
Lábio de fita, alto, de topo biselado e em pequena aba triangular, diferenciado do colo por um chanfro. Asa ovalada, alçada e arrancando do colo. Colo largo e ligeiramente convexo.
Pasta laranja-escura, muito dura e arenosa, com abundantes quartzos leitosos e hialinos.
Superfície externa revestida com engobe castanho-avermelhado.
- 19** (Fig. 12) Fragmento superior de ânfora, tipo Keay III.
Lábio extrovertido, de fita espessa e pouco saliente, com um ressalto na face superior. Colo troncocónico e introvertido. Asa curta, semicircular e implantada no colo, de secção losangular.
Pasta rosada, compacta, muito dura e fina, com minúsculas calcites e quartzos. Superfície externa revestida com engobe creme-amarelado.
- 20** (Fig. 12) Fragmento de boca, colo e arranques superiores das asas de ânfora, tipo Gaulesa 4.
Lábio curto, em aba ovalada. Colo côncavo. Asa de fita, arrancando da metade superior do colo.

Pasta rosada, compacta, muito fina e dura, com partículas negras.
Conserva vestígios de um grafito: partido na base e gravado no colo após a cozedura.

- 21 (Fig. 12) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay VII.
Lábio vertical, alto, de fita, diferenciado do colo por um chanfro.
Pasta alaranjada, dura e fina, com abundantes pequenos quartzos hialinos e leitosos.
- 22 (Fig. 12) Fragmento de asa e bojo de ânfora, tipo Dressel 2/4.
Asa de duplo rolo. Ombros carenados.
Pasta rosada, muito dura e arenosa, de pequeno grão, com abundantes areias negras.
- 23 (Fig. 12) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Dressel 20 F.
Lábio muito saliente, em aba triangular, ligeiramente pendente. Asa arqueada, de secção cilíndrica.
Pasta alaranjada, muito dura e compacta, com quartzos leitosos e hialinos. Superfície externa revestida com engobe creme-rosado.
Apresenta uma marca estampada no dorso da asa direita: NNP, com as letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular de ângulos arredondados (43 x 12 mm).
- 24 (Fig. 12) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 20 B.
Lábio saliente, alto e convexo. Colo ligeiramente côncavo.
Pasta ocre-acastanhada, muito dura e arenosa, com abundantes quartzos hialinos e leitosos, calcites e partículas negras.
- 25 (Fig. 13) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 2.
Lábio perolado, curto e ambivertido. Asa de fita, larga, com a face superior triangular.
Pasta alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites, nódulos ocres e minúsculas micas.
- 26 (Fig. 13) Fragmento de fundo de ânfora, tipo Lusitana 2.
Fundo troncocónico e muito oco, de base convexa.
Pasta alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites, nódulos ocres e minúsculas micas.
Conserva um grafito: P, invertido e gravado no dorso antes da cozedura (50 x 13 mm).
- 27 (Fig. 13) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 14.
Lábio muito saliente, em fita curta e bilobada. Colo largo e ligeiramente côncavo, bem diferenciado dos ombros. Vestígios de asa de fita, arrancando do colo e da sobeira do lábio.
Pasta alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites, nódulos ocres e minúsculas micas.
- 28 (Fig. 13) Fragmento superior de ânfora, tipo Dressel 28.
Lábio de fita, bipartido na face externa e ligeiramente pendente. Colo canelado, largo e ligeiramente côncavo, bem diferenciado dos ombros. Vestígios de asa de fita, com a face superior polilobada, arrancando do colo e da sobeira do lábio.
Pasta amarelada, branda, compacta e arenosa, com pequenos quartzos, partículas negras e pequenos nódulos ocres.

- 29** (Fig. 14) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 8.
Lábio saliente, de fita ovalada. Colo muito curto, largo e introvertido. Asa muito curta, arqueada, de secção triangular e arrancando do lábio e do colo.
Pasta alaranjada, com cerne laranja-acinzentado, dura e arenosa, com quartzos, partículas negras, nódulos ocres e abundantes minúsculas micas. Superfície externa rosada, manchada. Apresenta um grafito: LXII, gravado após a cozedura sobre os ombros (85 x 73 mm).
- 30** (Fig. 14) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 8.
Lábio de fita, trapezoidal e pouco saliente. Colo muito curto, largo e introvertido. Asa muito curta, arqueada, de secção ovalada, com o arranque envolvendo a face exterior do lábio.
Pasta laranja-acastanhada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, partículas negras, nódulos ocres e abundantes minúsculas micas. Superfície externa coberta com engobe castanho-avermelhado, pouco espesso.
Apresenta um grafito: B, gravado no colo antes da cozedura (64 x 20 mm).
- 31** (Fig. 14) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 3.
Lábio de fita, canelado e ligeiramente pendente. Colo côncavo. Asa arqueada, de fita, bilobada na face superior por um chanfro e arrancando do colo, sob a sobeira do lábio.
Pasta alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites e abundantes minúsculas micas.
- 32** (Fig. 14) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 10.
Lábio de fita, alto e saliente. Asa de fita, pendente, arrancando do lábio e do topo do colo. Colo ligeiramente côncavo.
Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos leitosos e hialinos, calcites e minúsculas micas.
- 33** (Fig. 14) Fragmento de boca, colo, bojo e asa de ânfora, tipo Lusitana 9.
Lábio extrovertido, em aba curta e trapezoidal, diferenciada do colo por um chanfro. Colo muito curto e direito. Asa de fita, bilobada na face superior por um chanfro largo, envolvendo o colo e o topo do lábio.
Pasta alaranjada, de textura folheada, branda e arenosa, com quartzos, calcites, pequenos nódulos ocres e minúsculas micas.
- 34** (Fig. 14) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 3.
Lábio de fita, canelado, pendente e muito saliente. Colo introvertido. Asa de fita, arrancando do colo, sob a sobeira do lábio.
Pasta laranja-acastanhada, de textura folheada, branda e arenosa, com quartzos, calcites e minúsculas micas. Superfícies alaranjadas.
Apresenta um grafito em estrela, gravado no colo antes da cozedura.
- 35** (Fig. 15) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Lábio extrovertido, em aba triangular e de sobeira moldurada. Colo cilíndrico e curto. Asas ovaladas e curtas, arqueadas e arrancando do lábio e do colo.
Pasta bege-rosada, branda e muito fina, com raras partículas negras e minúsculos quartzos.

- 36** (Fig. 15) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Lábio ligeiramente extrovertido, em aba triangular e de sobeira moldurada. Asa ovalada.
Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos e nódulos ocres.
Apresenta uma marca estampada no dorso da asa esquerda: LEV.GEN, com as letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos arredondados (52 x 12 mm).
- 37** (Fig. 15) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 6.
Lábio em aba curta. Colo curto, ligeiramente extrovertido e canelado. Asa arqueada, ovalada, arrancando do lábio e do colo.
Pasta laranja-rosada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites, nódulos ocres e minúsculas micas. Superfície externa revestida com engobe vermelho-acastanhado, pouco espesso.
- 38** (Fig. 15) Fragmento de boca, asa e colo de ânfora, tipo Lusitana 13.
Lábio de fita, pendente e canelado. Asa ovalada, arrancando do lábio e do topo do colo.
Pasta ocre-rosada, branda e muito fina, com raras partículas negras e minúsculos quartzos.
- 39** (Fig. 15) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 4.
Lábio convexo, alto e muito saliente. Colo estreito, introvertido e côncavo. Asa de fita, arqueada, arrancando do lábio e do terço superior do colo.
Pasta rosa-alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e pequenos nódulos ocres. Conserva vestígios de engobe creme-amarelado, pouco espesso, na superfície externa.
- 40** (Fig. 16) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 15.
Lábio curto, ambivertido, saliente e perolado, com aresta. Colo curto e cilíndrico, bem diferenciado do bojo. Asa curta, gamiforme, arrancando da metade superior do colo, ovalada e bilobada na face superior por um sulco pouco profundo. Bojo alto e ovóide, de ombros descaídos.
Pasta alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites, nódulos ocres, partículas negras e abundantes minúsculas micas.
- 41** (Fig. 16) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 15.
Lábio curto, extrovertido e perolado, com aresta e sobeira moldurada. Colo curto e cilíndrico, bem diferenciado do bojo. Asa curta, gamiforme, arrancando da metade superior do colo, de fita espessada e bilobada na face superior por um sulco largo e pouco profundo. Ombros descaídos.
Pasta alaranjada, de textura folheada, dura e arenosa, com quartzos, calcites, nódulos ocres, partículas negras e abundantes minúsculas micas.
Apresenta um grafito ondeado, gravado no colo antes da cozedura.
- 42** (Fig. 17) Fragmento de asa direita de ânfora, tipo Dressel 20.
Asa cilíndrica.
Pasta bege, muito dura, arenosa, com quartzos leitosos e hialinos e partículas negras.
Apresenta uma marca estampada no dorso: MAR, com as letras de pequeno relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos ligeiramente arredondados (33 x 14 mm).

- 43 (Fig. 17) Fragmento de asa direita de ânfora, tipo Dressel 20.
Asa cilíndrica.
Pasta alaranjada, muito dura e arenosa, com quartzos leitosos e hialinos e partículas negras. Apresenta uma marca estampada no dorso: G.AVFL, com as letras impressas em relevo negativo, sem cartela (33 x 11 mm).
- 44 (Fig. 17) Fragmento de boca e asa esquerda de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Asa ovalada.
Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocreos. Apresenta uma marca estampada no dorso: [...]ANNGENIAIS, rolada e mal impressa à esquerda. Letras em relevo, em cartela rectangular de ângulos ligeiramente arredondados (alt.: 12 mm).
- 45 (Fig. 17) Fragmento de asa esquerda de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Asa ovalada.
Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocreos. Apresenta uma marca estampada no dorso: PARHALI[...], partida à direita. Letras em relevo negativo e profundo, inscritas numa cartela em forma de sola, voltada à direita (altura máxima: 21 mm).
- 46 (Fig. 17) Fragmento de asa direita de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Asa ovalada.
Pasta rosada, muito dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocreos. Apresenta uma marca estampada no dorso: [...]GEN, danificada à esquerda. Letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos arredondados (alt.: 13 mm).
- 47 (Fig. 17) Fragmento de boca e asa esquerda de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Asa ovalada.
Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocreos. Apresenta uma marca estampada no dorso: [...]EV.GEN, danificada à esquerda e mal impressa à direita. Letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos arredondados (alt.: 13 mm).
- 48 (Fig. 17) Fragmento de boca e asa direita de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Asa ovalada.
Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras, nódulos ocreos e micas.
Apresenta uma marca estampada no dorso: LEV.GEN, com as letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos arredondados (45 x 14 mm).
- 49 (Fig. 17) Fragmento de boca, colo e asa esquerda de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Lábio ligeiramente extrovertido, em aba triangular. Asa ovalada.
Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocreos. Apresenta uma marca estampada no dorso: LEV.GEN, com as letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos arredondados (45 x 14 mm).
- 50 (Fig. 17) Fragmento de asa esquerda de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Asa ovalada.

Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocres. Apresenta uma marca estampada no dorso: LEV.GEN, deteriorada à esquerda. Letras em relevo, inscritas numa cartela rectangular, com os ângulos arredondados (45 x 14 mm).

51 (Fig. 17) Fragmento de asa esquerda de ânfora, tipo Lusitana 5 b.

Asa ovalada.

Pasta bege-rosada, dura e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nódulos ocres. Apresenta uma marca estampada no dorso: LEV[...], partida à direita e muito degradada. Letras em relevo, em cartela rectangular, de ângulos arredondados (alt.: 13 mm).

Quadro das dimensões dos atributos										
Nº	Bordo			Asa		Colo		Fundo		
	Diã.	Alt.	Esp.	Lar.	Esp.	Diã.	Alt.	Diã.	Alt.	Esp.
1	250	40	34	56	33	114	218	-	-	-
2	230	45	29	-	-	-	-	-	-	-
3	194	47	19	-	-	-	-	-	-	-
4	152	40	20	-	-	-	-	-	-	-
5	124	28	19	-	-	76	-	-	-	-
6	158	34	38	-	-	-	-	-	-	-
7	150	28	28	-	-	-	-	-	-	-
8	148	33	20	-	24	130	-	-	-	-
9	160	-	18	-	-	-	-	-	-	-
10	140	37	15	-	-	-	-	-	-	-
11	120	-	17	33	20	-	-	-	-	-
12	116	44	15	39	25	152	-	-	-	-
13	120	30	23	-	-	-	-	-	-	-
14	118	39	20	-	-	110	-	-	-	-
15	124	28	16	-	-	-	-	-	-	-
16	140	34	26	-	-	-	-	-	-	-
17	230	33	50	-	-	140	186	-	-	-
18	157	34	14	-	-	190	-	-	-	-
19	120	46	23	37	20	100	-	-	-	-
20	106	13	16	-	-	63	-	-	-	-
21	-	56	16	-	-	-	-	-	-	-
22	-	-	-	49	26	-	-	-	-	-
23	160	-	39	52	45	-	-	-	-	-
24	156	38	25	-	-	-	-	-	-	-
25	140	21	20	52	21	104	-	-	-	-
26	-	-	-	-	-	-	-	48	-	11
27	168	26	26	-	-	110	140	-	-	-
28	160	35	23	-	-	110	117	-	-	-
29	141	36	18	40	20	112	38	-	-	-
30	144	45	20	39	25	110	58	-	-	-
31	104	28	15	45	17	-	-	-	-	-
32	92	22	16	-	-	64	-	-	-	-
33	126	12	18	-	-	112	10	-	-	-

Quadro das dimensões dos atributos (continuação)										
Nº	Bordo			Asa		Colo		Fundo		
	Diá.	Alt.	Esp.	Lar.	Esp.	Diá.	Alt.	Diá.	Alt.	Esp.
34	104	27	10	-	-	72	-	-	-	-
35	171	23	27	44	32	11	39	-	-	-
36	154	28	28	-	-	-	-	-	-	-
37	156	11	19	35	25	117	-	-	-	-
38	198	28	24	-	-	-	-	-	-	-
39	106	28	20	46	20	68	82	-	-	-
40	150	21	20	32	20	114	71	-	-	-
41	139	21	21	38	20	101	80	-	-	-
42	-	-	-	40	40	-	-	-	-	-
43	-	-	-	49	46	-	-	-	-	-
44	-	-	-	35	45	-	-	-	-	-
45	-	-	-	41	32	-	-	-	-	-
46	-	-	-	48	-	-	-	-	-	-
47	-	-	-	45	-	-	-	-	-	-
48	-	-	-	44	29	-	-	-	-	-
49	-	-	-	43	31	-	-	-	-	-
50	-	-	-	40	27	-	-	-	-	-
51	-	-	-	42	32	-	-	-	-	-

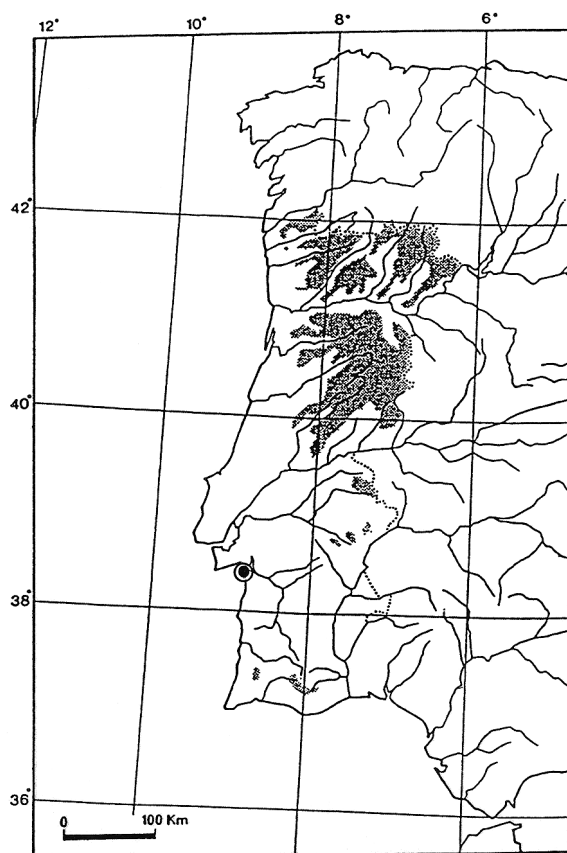


Fig. 1 Mapa de localização geral de Tróia.

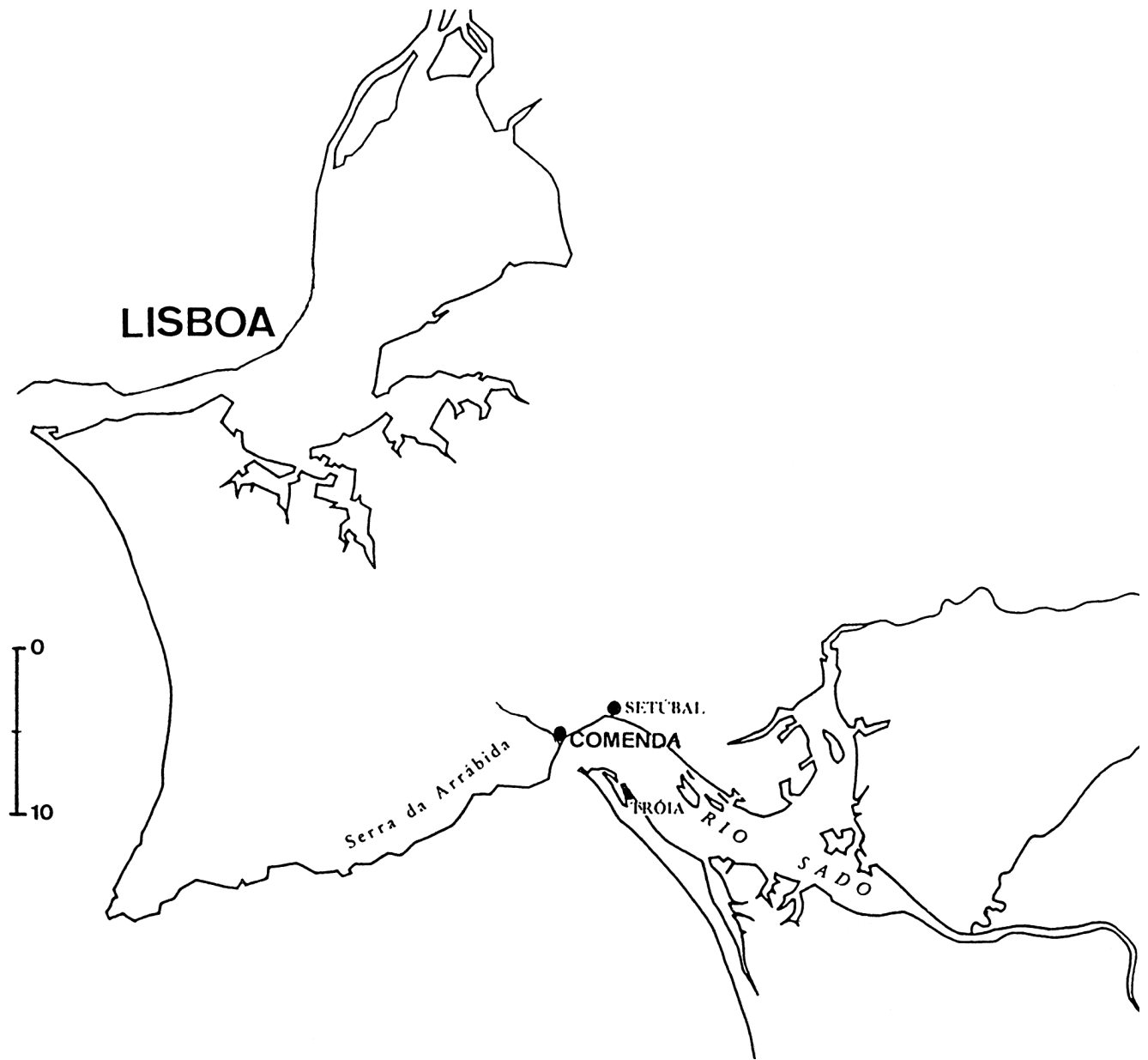


Fig. 2 Localização de Tróia no estuário do Sado.

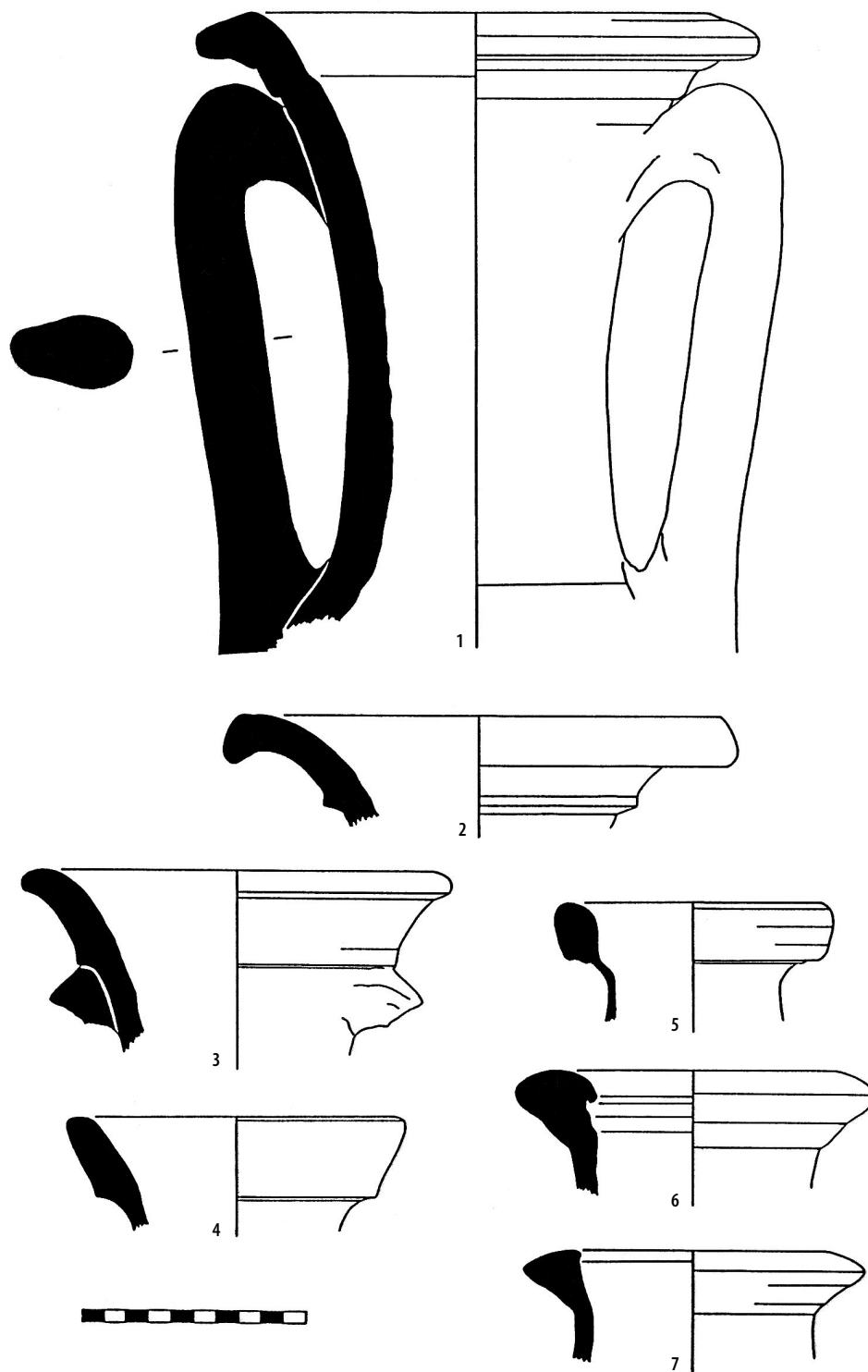


Fig. 3 Ânforas de Tróia.

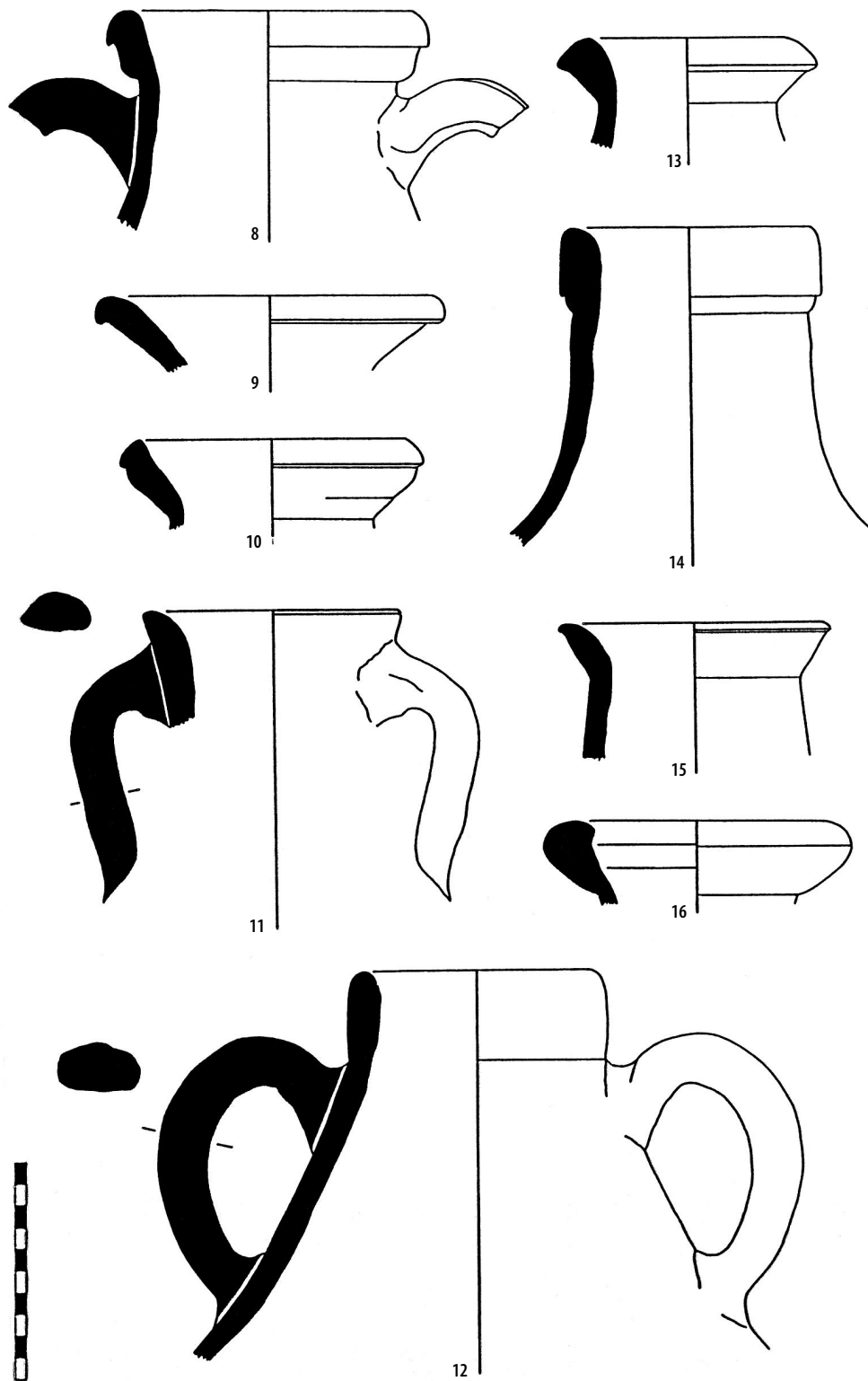


Fig. 4 Ânforas de Tróia.

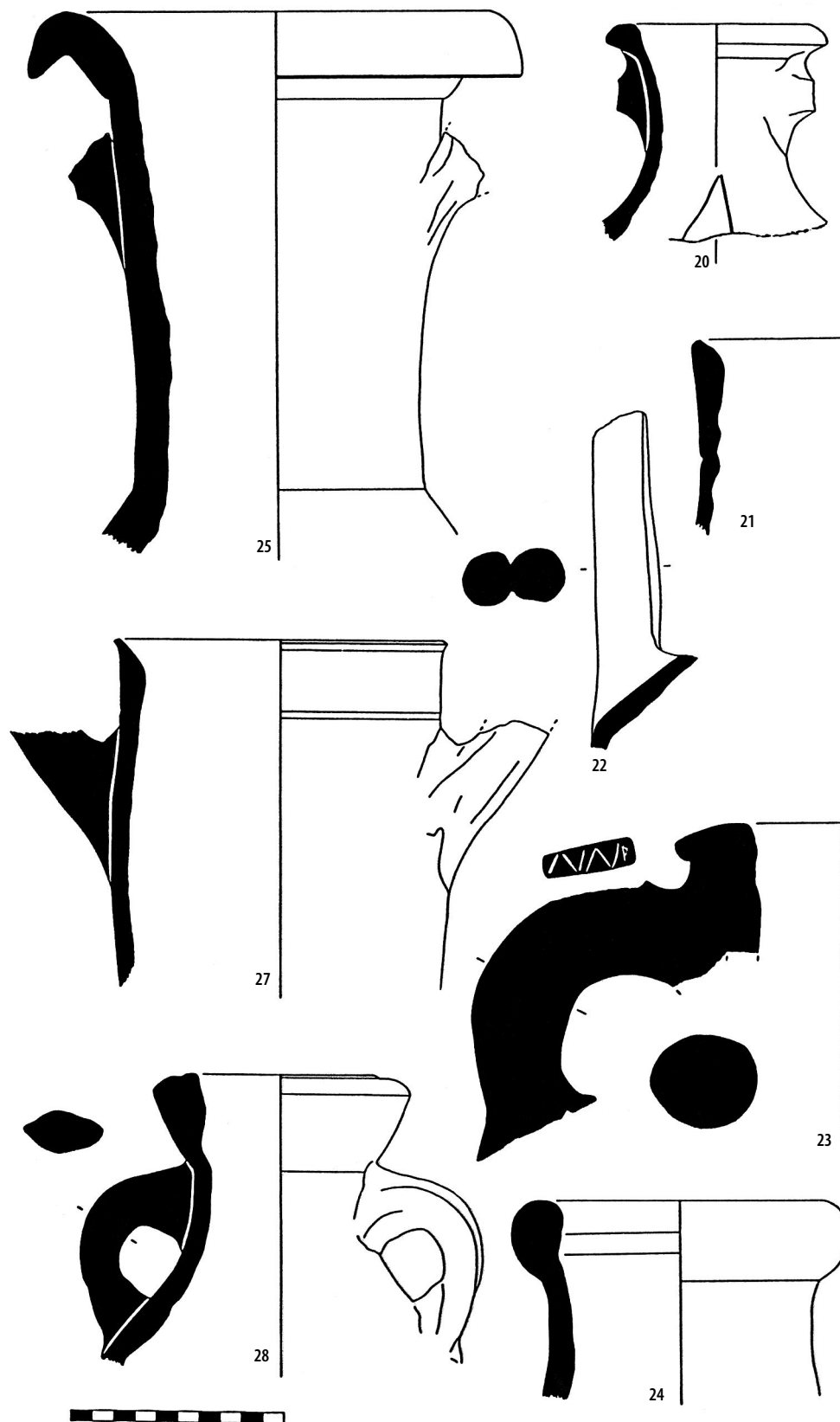


Fig. 5 Ânforas de Tróia.

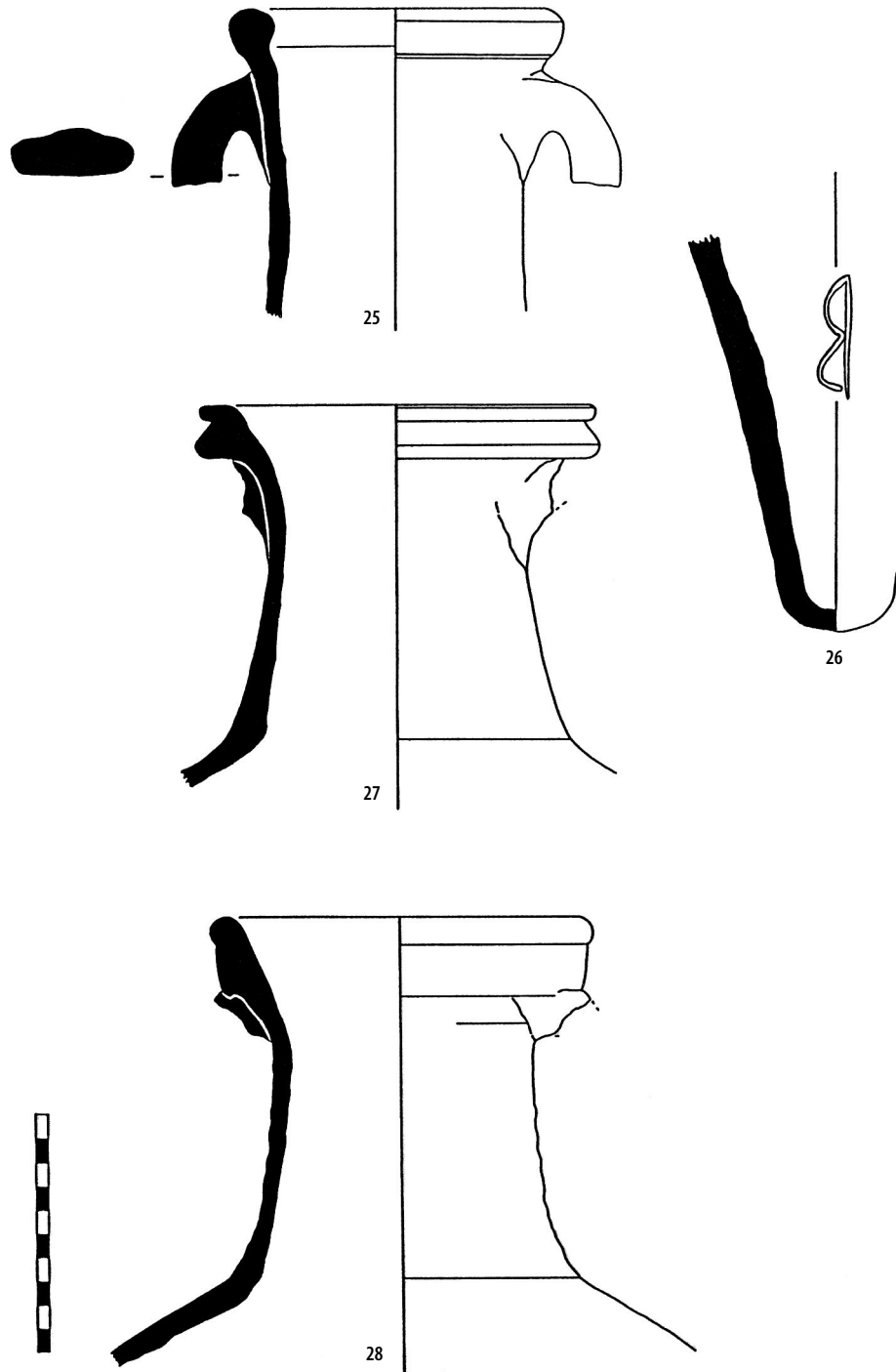


Fig. 6 Ânforas de Tróia.

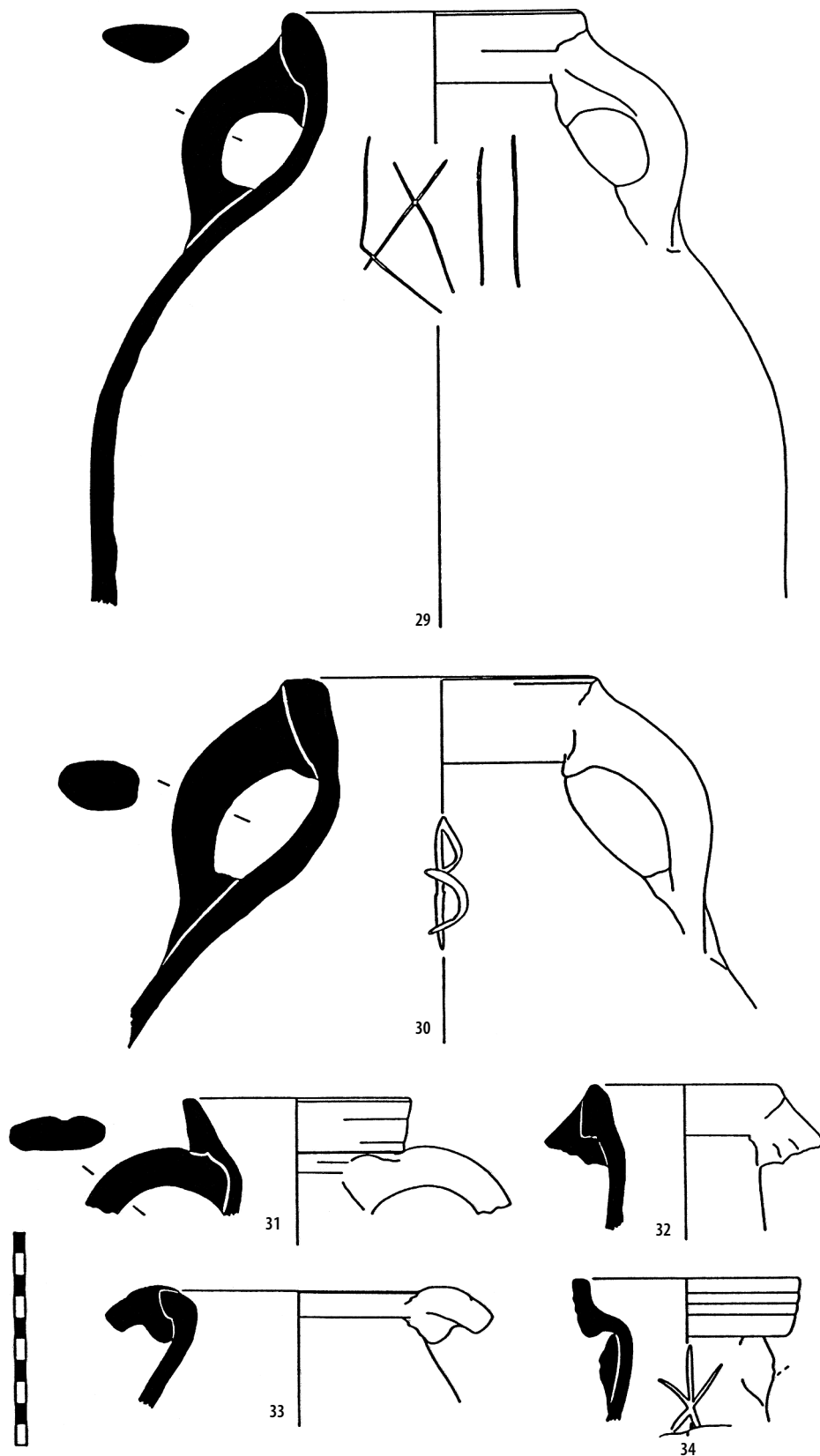


Fig. 7 Ânforas de Tróia.

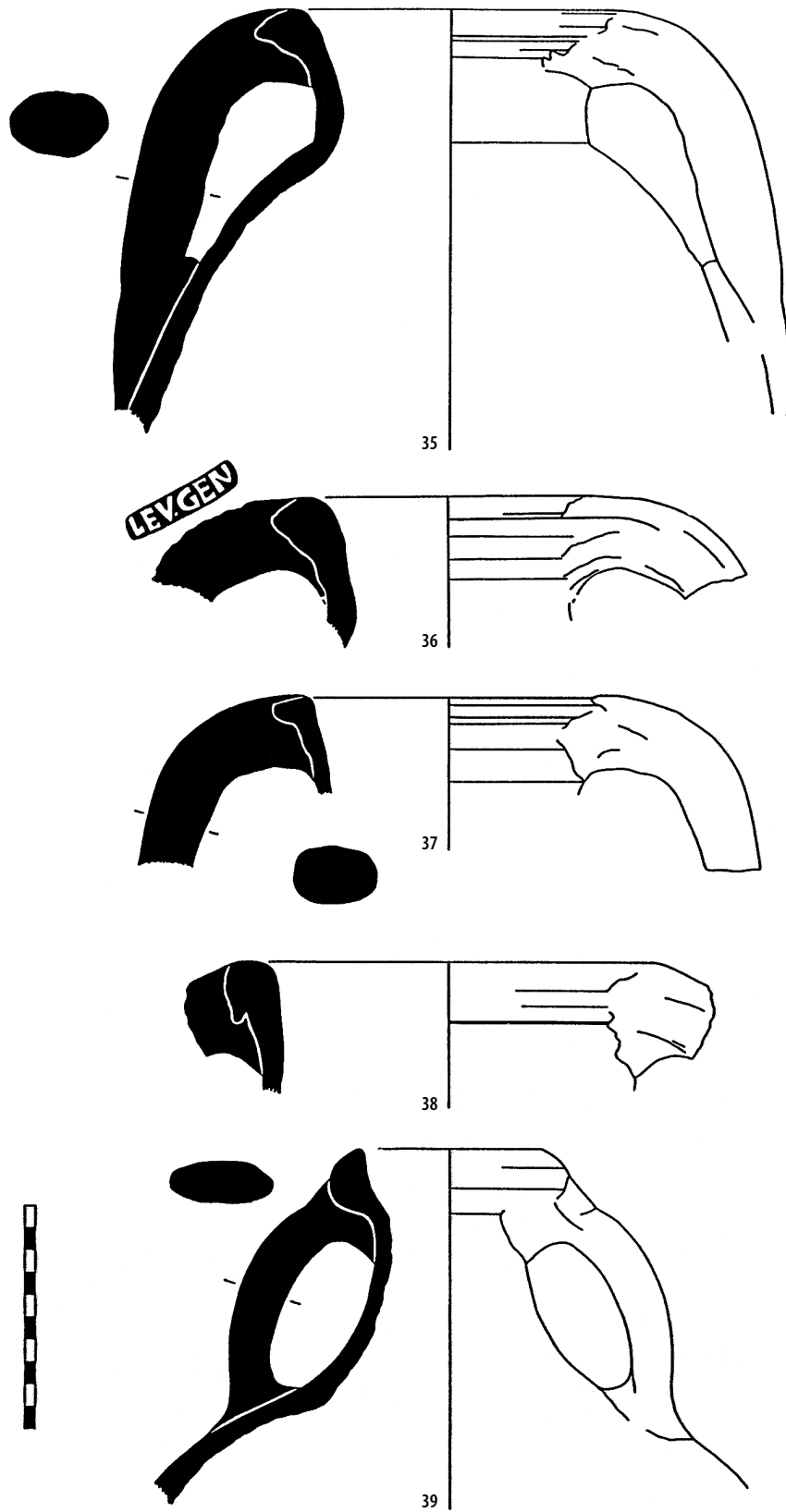


Fig. 8 Ânforas de Tróia.

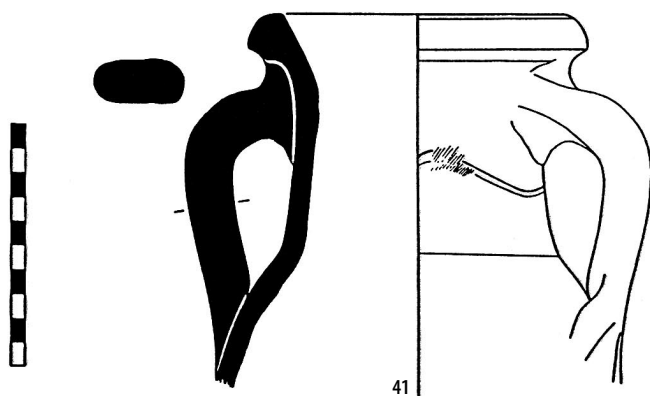
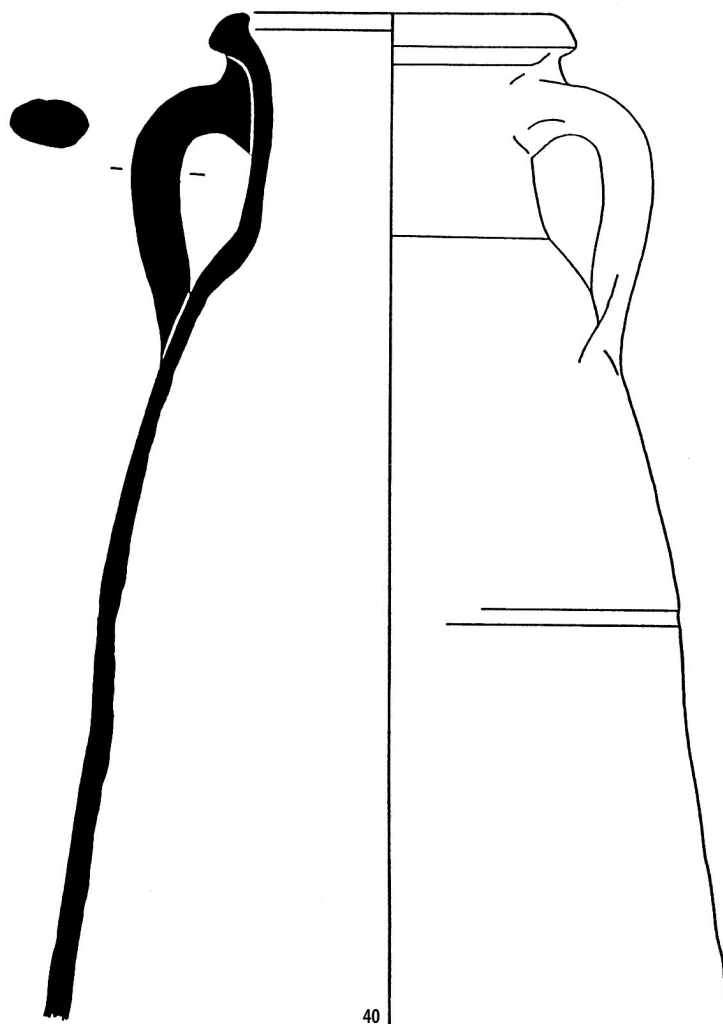


Fig. 9 Ânforas de Tróia.



Fig. 10 Marcas de ânforas de Tróia.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1970) - *Las ánforas romanas en España*. Monografías Arqueológicas. 8. Saragoça.
- BOST, J.-P.; CAMPO, M.; COLLS, D.; GUERRERO, V.; MAYET, F. (1992) - *L'épave de Cabrera III (Majorque)*. Publications du Centre Pierre Paris, 23. Paris: Diffusion de Boccard.
- BOUBE, J. (1973/75) - Marques d'amphores découvertes à Sala, Volubilis et Banasa. *Bulletin d'Archeologie Marocaine*. Rabat. 9, p. 163-235.
- CHIC GARCÍA, G. (1985) - *Epigrafía anfórica de la Bética I. Las marcas impresas en el barro sobre ánforas olearias (Dressel 19, 20 y 23)*. Sevilla. Universidad.
- COLLS, D.; ÉTIENNE, R.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.; MAYET, F. (1977) - L'épave *Port-Vendres II* et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude. *Archaeonautica*. Paris. 1, p. 5-135.
- DIOGO, A.M.D. (1987a) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 5, p. 179-191.
- DIOGO, A.M.D. (1987b) - *Ensaio sobre a modulação e tipificação das ânforas de fabrico lusitano*. Lisboa: Univ. Nova de Lisboa (policopiado).
- DIOGO, A.M.D. (1995) - Elementos sobre ânforas de fabricos lusitanos. In *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, p. 283-294.
- DIOGO, A.M.D. (em preparação) - As ânforas de Tróia, Setúbal, no Museu Nacional de Arqueologia.
- DIOGO, A.M.D.; CARDOSO, J.P. (2000) - Ânforas béticas provenientes de um achado marítimo ao largo de Tavira, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 67-79.
- DIOGO, A.M.D.; CARDOSO, J.P.; FARIA, J.C.L. (no prelo) - Notícia do achado de fornos romanos de ânforas no Monte do Rapa, Alcácer do Sal. *Arquivo de Beja*. Beja. Série III.
- DIOGO, A.M.D.; CARDOSO, J.P.; REINER, F. (2000) - Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 81-118.
- DIOGO, A.M.D.; FARIA, J.C.L. (1987) - Trabalho e produção no Sado durante a época romana. *Movimento Cultural*. Setúbal. 6, p. 81-92.
- DIOGO, A.M.D.; FARIA, J.C.L.; FERREIRA, M.A. (1987) - Fornos de ânforas de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 77-111.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (1992) - Ânforas romanas provenientes de Tróia nas colecções da Associação de Estudos Arqueológicos e Etnológicos. *Artefactos*. Lisboa. 1, p. 5-8.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (1995) - Elementos para o estudo de Tróia, Setúbal. *Al-madan*. Almada. Série II. 4, p. 23-25.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 181-205.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (no prelo) - Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação das ânforas romanas em território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16.
- EDMONDSON, J.C. (1987) - *Two Industries in Roman Lusitania. Mining and Garum Production*. (BAR International Series, 362). Oxford. BAR.
- ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1994) - *Un Grand Complexe Industriel a Tróia (Portugal)*. Paris. Diffusion E. de Boccard.
- FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J.U.S. - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 17-36, Ests. 1-2.
- KEAY, S.J. (1984) - *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: The Catalan evidence*. (BAR International Series, 196). Oxford. BAR.
- MAIA, M. (1974/77) - Marcas em ânforas da forma Dr/20, de Tróia. Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7/9, p. 355-358.
- MAIA, M. (1975) - Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Tróia - Ânforas do tipo "Africano Grande". *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 155-158.
- MARTIN-KILCHER, S. (1983) - Les amphores romaines à huile de Bétique (Dressel 20 et 23) d'August (Colonia Augusta Rauricorum) et Kaiseraugst (Castrum Rauracense). Un rapport préliminaire. In *Producción y Comercio del Aceite en la Antigüedad. Segundo Congreso Internacional*. Madrid: Universidad Complutense, p. 337-347.
- MARTIN-KILCHER, S. (1987) - *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst. I: Die südspanischen Ölamphoren (Gruppe 1)*. Augst.
- PEACOCK, D.P.S.; WILLIAMS, D.F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide*. London. Longman.
- ZEVI, F.; TCHERNIA, A. (1969) - Amphores de Byzacène aus Bas-Empire. *Antiquités Africaines*. Paris. 3, p. 173-214.